

# “TOCANDO O TERROR”: A CONCEPÇÃO METAFÓRICA DA VIOLÊNCIA NOS JORNAIS DE CARUARU (PE)

## "TOUCHING TERROR": THE METAFORICAL CONCEPTUALIZATION OF VIOLENCE IN THE NEWSPAPERS OF CARUARU (PE)

Adriano Dias  
Rodolfo Santiago  
UNIFAVIP, DeVry Brasil

**Resumo:** Desde 1980, com os estudos de Lakoff e Johnson, a Teoria da Metáfora Conceptual deslocou a metáfora do *locus* de figura de linguagem, ou de mero recurso de fala, para a condição de recurso conceptual do próprio pensamento. A mudança desse paradigma acabou por legar à metáfora a identidade de representante do pensamento ou, pelo menos, de chave para os diversos *frames* cognitivos que conceptualizam o mundo ao nosso redor: pode-se reconstruir as percepções e conceptualizações do falante, acerca de suas experiências cotidianas, a partir das metáforas por ele usadas. Nosso trabalho se propõe a identificar as expressões metafóricas usadas para categorizar violência, em jornais de Caruaru, Pernambuco, e a reconstruir os conceitos metafóricos que essas expressões podem evocar na nossa cultura.

**Palavras-chave:** Metáfora. Violência. Discurso Jornalístico.

**Abstract:** In 1980, with the publication of studies by Lakoff and Johnson, Conceptual Metaphor Theory shifted away from the locus of trope towards the idea of it being a resource for the conceptualization of thought itself. This paradigmatic change has brought Metaphor to the forefront of the research of mental processes, or, at the very least, identified it as fundamental to the various cognitive frames involved in the conceptualization of the world: in the way that it is possible to reconstruct the perceptions and conceptualizations of a speaker concerning their experiences of daily life from the metaphors they use. Our work aims to identify the metaphorical utterances that categorize violence in newspapers of Caruaru, Pernambuco, and to reconstruct the metaphorical concepts that these expressions can evoke in Brazilian culture.

**Keywords:** Metaphor. Violence. Press Discourse.

### 1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Enunciar é negociar e partilhar sentidos num tempo e num espaço. Durante as situações de fala, os sujeitos buscam compreender e se fazer compreendidos, escolhendo palavras, expressões, construções linguísticas simples ou complexas e também elementos não verbais, mas esse processo é apenas parcialmente consciente. Trata-se de uma verdadeira profusão de sentidos,

mas que não escapa a uma sistematização, ainda que, por vezes, as falas aparentem motivações e estruturas aleatórias. Isso porque partilhamos o mundo de forma (inter)subjetiva e os processos cognitivos são, em grande parte, construídos e realizados pelas experiências não apenas sensório-motoras, mas também culturais, empreendidas nas interações sociais em que nos engajamos.

Na atividade comunicativa cotidiana, os sujeitos materializam em suas falas seus pensamentos, suas crenças e seus preconceitos, afinal, as suas idiossincrasias. Isso pode se dar de maneira consciente, como em um discurso previamente preparado, ou em perguntas no contexto de um debate regrado por exemplo, mas é de forma inconsciente que os valores (inter)subjetivos são enraizados na prática linguística. Ao falar, as pessoas enunciam muito mais do que o que está exposto no evento discursivo, elas expõem aquilo que são e o que acreditam sobre o mundo que constroem com o discurso.

Nessa perspectiva, A Linguística Cognitiva (LC) se volta para a compreensão de como a linguagem se relaciona com os demais processos cognitivos, como atenção, memória, percepção etc. Assim, seguem-se investigações sobre como a linguagem se organiza no processo de conceptualização do mundo. Em outras palavras, ao nos referirmos ao mundo – às diversas situações, às pessoas, às coisas – mobilizamos domínios cognitivo-discursivos diversos. Podemos, por exemplo, nos referir à VIOLÊNCIA com elementos do domínio da *manipulação de substâncias, da quantificação física*, e também evocando a metáfora do *trajeto de vida*, quando, por exemplo, afirmamos que *o volume de assassinatos cresce a passos largos*, atualizando o conceito *violência é uma entidade que se move no espaço*. De outro modo, podemos compreender essa atualização de modo ainda mais genérico, tomando a violência como elemento do domínio da *vida*, de forma a evocar o conceito VIDA É VIAGEM. Surge, assim, na órbita da LC, a teoria da metáfora conceptual.

É importante ressaltar que a noção de metáfora assumida neste estudo extrapola uma manifestação puramente figurativa da linguagem. Na perspectiva tradicional, de inspiração retórica, a metáfora é uma forma figurativa de se referir a uma entidade com o sentido de outra, por meio de comparação implícita, com finalidades ornamentais. Assim, quando um poeta diz que *a vida é um redemoinho*, ele atribui à vida a própria essência do fenômeno natural, no entanto, em uma perspectiva literária, encerrada no domínio da manipulação artística. Neste estudo, porém, a metáfora é tomada como um fenômeno mais abrangente e central. Ela é assumida como ferramenta de conceptualização do mundo, cuja existência se insere tanto na linguagem como no pensamento: quando alguém diz que *um bandido é um monstro*, por exemplo, podemos compreender que essa expressão metafórica atualiza o conceito *violência é história de terror*, ou seja, o domínio *história de terror* (ambiente do simulacro, no qual tudo é possível, inclusive os mais sombrios aspectos da violência) é utilizado para caracterizar o domínio *violência* (ambiente da

incompreensão, da perplexidade diante da barbárie do mundo e das pessoas). Se essa instanciação é própria de um indivíduo, de um grupo ou de toda uma cultura, apenas uma análise sobre a extensão desse uso poderá responder. Nessa perspectiva, a metáfora é muito mais do que recurso literário, é a própria conceptualização do mundo.

Foi a partir de Lakoff e Johnson (1980) que os estudos sobre a metáfora se popularizaram na recente história da linguística e das ciências cognitivas. Nesses estudos, a metáfora é elemento convencional, sistemático e conceptualizador próprio do pensamento e da linguagem humanos. Na obra *Metaphors we live by* (1980), o entendimento sobre metáfora vai além da condição de elemento acessório da linguagem e de ornamento linguístico com finalidade comunicativa insignificante e passa a se referir a algo que extrapola o funcionamento do intelecto e que governa nossa existência diária. Em outras palavras, é também por meio de metáforas que trazemos à tona os conceitos sobre nossa existência, sobre nossas experiências diárias.

Este trabalho se desenvolve nessa mesma perspectiva. Parte-se do princípio de que, ao nos referirmos à violência (ou às suas diversas manifestações, através de relações metonímicas), fazemos uso de domínios diversos. Em outras palavras, comunicamos e compreendemos aspectos da violência em termos de outros domínios cognitivo-discursivos. Assumiu-se como objetivo principal: a identificação das expressões linguísticas metafóricas sobre a violência, instanciadas em gêneros postados em jornais de Caruaru, Pernambuco, e a reconstrução dos conceitos metafóricos evocados.

Ao longo de nossa pesquisa, verificamos que muitas são as formas pelas quais fazemos menção à violência. Ao desenvolvermos as análises dos diversos textos, componentes de nosso *corpus*, percebemos que, de fato, as conclusões da Teoria da Metáfora Conceitual podem ser comprovadas: os diversos exemplos de metáforas concernentes à violência comprovam que, ao nos referirmos a um determinado domínio, fazemos isso em termos de outros domínios. Em fragmentos, foram encontrados “tiramos de circulação vários bandidos” (VANGUARDA - 24/09/2016) e ainda “deixou um saldo avassalador” (VANGUARDA - 06/08/2016). Nos dois exemplos, pode-se perceber que é feita referência à *violência* em termos do domínio *mercado econômico*, ou seja, para se referir à violência, usa-se termos do domínio mercado, estabelecendo-se o uso do conceito *violência é mercado*.

Nessa perspectiva de análise, este trabalho surge como resposta à percepção de que o aumento da violência é uma das mais significativas marcas das sociedades contemporâneas. Como processo cultural, a linguagem assimila e materializa a violência nas mais diversas situações comunicativas. Conforme apresentamos mais adiante, a violência é discursivizada de distintas maneiras no *corpus* investigado; os sujeitos se referem à violência agenciando domínios da

experiência mais concretos, como *violência é força destrutiva*, mas também em termos sensorialmente menos concretos, como em *violência é história de terror*. Nesse processo de *falar sobre*, percebe-se que as metáforas assumem papel importante como constructo conceptual, uma vez que se constituem como uma estratégia recorrente de discursivização do fenômeno aqui investigado.

## 2. METÁFORA, LINGUAGEM E PENSAMENTO

Para Lakoff e Johnson (1980), as metáforas são poderosos instrumentos cognitivos e assumem importantes tarefas discursivas. Elas podem ser sinteticamente definidas como o uso de um domínio cognitivo fonte, geralmente mais concreto, para se entender um domínio cognitivo alvo, geralmente mais abstrato. Lakoff e Johnson (1980, p. 6) explicam que “a essência da metáfora consiste em conhecer e experienciar uma coisa em termos de outra” (tradução nossa).

Os autores citados (1980) classificam as metáforas em três categorias, de acordo com suas funções cognitivo-linguísticas: estruturais, orientacionais e ontológicas. Essa tipificação é de ordem teórica. Empiricamente, uma mesma metáfora pode recobrir mais de uma dessas funções. Segundo Schmitt (2017, p. 27), embora a obra de 1980, *Metaphors we live by* (e as suas reimpressões), usem o termo *metáforas estruturais*, as publicações mais recentes de Lakoff e Johnson têm usado a nomenclatura *conceitos metafóricos*. Os conceitos metafóricos ocorrem quando há mapeamentos entre conceitos complexos, isto é, quando domínios fonte e alvo são domínios complexos e geram mapeamentos também complexos. Segundo Kövecses (2002, p. 33), em metáforas dessa natureza, o domínio-fonte provê uma estrutura de conhecimento relativamente rica para o domínio-alvo, ou seja, a função cognitiva dessa metáfora é a de permitir aos falantes a compreensão do domínio-alvo em termos da estrutura do domínio-fonte.

O conceito de domínio diz respeito a áreas do conhecimento e da experiência humana. O domínio-fonte é aquele que usamos para compreender algo metaforicamente, já o domínio-alvo é aquele que almejamos compreender. Assim, ao lermos “os criminosos aproveitaram para fazer a limpa por aqui” (VANGUARDA – 27/08/2016), é possível reconstruir um conceito metafórico que agencia o domínio-fonte LIMPEZA para a compreensão do domínio-alvo VIOLÊNCIA.

As metáforas orientacionais estruturam conceitos tendo como base orientações lineares não metafóricas, ou seja, elas operam com conceitos não-lineares / não-espaciais de forma linear/espacial. Segundo Lakoff & Johnson (1980), essas metáforas implicam orientações espaciais do tipo: em cima – em baixo, dentro – fora, na frente – atrás, profundo – raso, central – periférico, e assim por diante. Essas metáforas dão uma orientação espacial a um conceito. Em registros como “Na quinta colocação, Indianópolis, Boa Vista e Maurício de Nassau tiveram

cinco assassinatos” (VANGUARDA – 29/10/2016), por exemplo, compreende-se o domínio VIOLÊNCIA em termos de uma relação orientacional de posição em um ranking. Desse modo, essas expressões são licenciadas pelo sistema metafórico MAIOR É PARA CIMA e *violência é competição*<sup>1</sup>. As metáforas orientacionais são fruto da interação do corpo com o meio que o cerca, fruto de nossas capacidades sensório-motoras, mas são também definidas pela nossa inserção cultural, que nos permite correlacionar os domínios.

Para Lakoff & Johnson (1980), nossa experiência com os objetos físicos e com as substâncias fornece bases profundas para a conceptualização. A compreensão de experiências em termos de objetos e substâncias nos permite retirar partes dessa experiência e tratá-las como entidades discretas ou substâncias uniformes. Essa definição alude às metáforas ontológicas. É a função de corporificar, de materializar conceitos etéreos para cognitiva e discursivamente podermos manuseá-los, quantificá-los, manipulá-los com as mais variadas finalidades. Quando dizemos, por exemplo, que *Meu bairro é violento*, estamos personificando o conceito de bairro para poder tratá-lo de diversas maneiras. A personificação é um protótipo de metáfora ontológica.

É com Lakoff e Johnson (1980, 2003, 1999) que os estudos sobre metáfora, a partir da LC, se popularizam e se diversificam. Apresentamos apenas os conceitos mais básicos dessa teoria. Desde a sua publicação, muitos estudos têm sido desenvolvidos de modo a complementar a abordagem da Teoria da Metáfora Concepetual.

Em pesquisa sobre metáforas e metonímias que conceptualizam a violência, a partir de conversas em grupos focais na cidade de Fortaleza (CE), Feltes; Pelosi; Cameron; Ferreira (2015, p.1) identificaram que “percepções sobre a violência são entendidas em termos das dinâmicas complexas da vida social”. As autoras entendem que tanto a metáfora quanto a metonímia desempenham importante papel na estruturação e reflexão das emoções e das compreensões quanto à violência. Nesse sentido, as autoras assumiram como foco a análise de como os participantes usam as metonímias e as metáforas para expressar o efeito da violência em suas vidas. As autoras assumiram como foco da pesquisa as metáforas de *landscape* e de *contêiner*. A primeira, na visão de Cameron (2010), diz respeito a orientações espaciais do sujeito em relação ao mundo que o cerca e a segunda, a como as pessoas se referem geograficamente aos eventos, fazendo uso de expressões como *em, dentro, fora*, entre outras.

Seguindo percurso teórico semelhante, mas com objetivos distintos, nossa pesquisa também seguiu as pistas discursivas que nos levassem a percorrer os caminhos cognitivos

---

<sup>1</sup> Neste trabalho, assim como convencionou-se em vários estudos da Linguística Cognitiva em língua portuguesa, usamos letras capitais (MAIOR É PARA CIMA) para referirmos modelos cognitivos convencionais e letras minúsculas em itálico (*violência é competição*) para referirmos conceitos metafóricos de caráter menos convencional, idiossincrático, ou cuja convencionalidade ainda não esteja bem delimitada.

utilizados pelos sujeitos para conceptualizar a violência. As metáforas analisadas revelam percepções dos autores jornalísticos sobre a violência; entendemos que os textos analisados, oriundos da esfera jornalística, funcionam como uma espécie de filtro daquelas vozes coletadas pelo jornalista para a composição da notícia, da reportagem etc. Nesse sentido, embora haja casos em que a metáfora analisada compunha trechos de discursos diretos, não é possível afirmar que o enunciado em análise, de fato, foi instanciado pelo falante envolvido nos acontecimentos que geraram o gênero, assim, para fins analíticos, consideramos as instanciações como processos coletivos engendrados pelo jornal que assina os textos. Em uma notícia de crime, por exemplo, ao descrever acontecimentos violentos, o jornalista, reportando diretamente a voz de um falante, diz que “a situação no local foi controlada” (G1 Caruaru – 19/11/2016). A compreensão desse enunciado evoca modelos básicos de equilíbrio e desequilíbrio e de *ações como movimentos voluntários* (LAKOFF E JOHNSON, 1999) e revela percepções culturais atravessadas pela noção de controle e estabilidade; o oposto disso – a desordem – é expressão recorrente da violência. Percebe-se que as instanciações reverberam modelos cognitivo-culturais recorrentes na nossa sociedade para falar e compreender a violência e a segurança.

Os desdobramentos dos estudos sobre a metáfora conceptual amadureceram e legaram a nossa época importantes contribuições. Exemplo disso é o artigo “Metáfora é que nem...?: cognição e discurso na metáfora situada” (VEREZA, 2013), no qual a autora faz uma relevante “articulação entre cognição e discurso como ferramenta conceitual para se compreender tanto o papel da metáfora na linguagem em uso, como o papel do uso na metaforicidade” (p. 1). A autora reafirma os estudos de Lakoff e Johnson (1980, 2003, 1999) uma vez que também compreende a importância de assumir o deslocamento da metáfora do âmbito exclusivo da linguagem para o pensamento. Vereza (2013) aprofunda a reflexão entre metáfora e discurso e constata a existência de metáforas situadas. Para a autora, existe uma relação de interdependência, e até de continência, entre metáforas. A metáfora situada surge com a compreensão que, no interior do discurso, existem elementos culturais que são metaforizados no corpo da linguagem e que acabam por evocar metáforas mais amplas e cristalizadas pela linguagem, e que também reproduzem aspectos culturais.

As proposições e repercussões que emanaram do que Vereza (2010, p. 204) chama de “virada paradigmática” nos estudos sobre metáfora, que a deslocam do lugar de enfeite linguístico para o lugar de aparato cognitivo, são as mais diversas. Passa-se a legar à metáfora um papel mais representativo e propositivo, obstando a parca condição de recurso literário e valorizando seu potencial de conceptualização do mundo.

### 3. ASPECTOS METODOLÓGICOS

Nosso trabalho acompanha os procedimentos metodológicos propostos por Schmitt (2005, 2016, 2017). O autor assume como perspectiva a teoria da metáfora conceitual de Lakoff e Johnson, elegendo procedimentos metodológicos que objetivam “representar conceitos metafóricos como padrões semânticos homogêneos” (SCHMITT, 2016, p. 286). Assim, Schmitt (2005, 2016, 2017) propõe a *análise sistemática de metáforas* como um procedimento metodológico em pesquisa social qualitativa, congregando, para tanto, procedimentos de interpretação hermenêutica que permitam que os achados sejam preservados de uma subjetividade desprovida de sistematização. Sobre essa proposta, o autor aponta como vantagens a possibilidade de reconstrução de modelos cognitivos, a avaliação de ações motivadas por metáforas, a identificação de modelos de pensamento que caracterizam sujeitos, grupos sociais, ou mesmo uma cultura etc.

Assim, baseados em Schmitt (2005, 2016, 2017), procedemos, após a coleta do material analisado (referido a seguir) com a: (i) segmentação e análise de todas as expressões metafóricas encontradas; (ii) organização das metáforas em “rótulos”, ou seja, aquelas que se referiam ao mesmo domínio fonte e alvo foram agrupadas conjuntamente; (iii) tentativa de reconstrução dos modelos de pensamento; (iv) avaliação quanto ao caráter individual ou cultural dos modelos reconstruídos; (v) avaliação das ações motivadas pelos conceitos metafóricos encontrados.

Nós investigamos as instanciações metafóricas do domínio VIOLÊNCIA nos jornais (versão eletrônica<sup>2</sup>) *Vanguarda*, *Extra* e *Portal G1*, em Caruaru, a partir de 60 textos coletados durante os meses de julho/2016 a janeiro/2017. A eleição dos jornais foi motivada pelo fato de serem os três veículos com versões eletrônicas e sessões de notícias exclusivas para a cidade de Caruaru, Pernambuco, sem considerar relevantes, para esta pesquisa, as variáveis socioeconômicas concernentes a cada jornal. O processo de triagem dos textos se deu a partir de buscas nos portais eletrônicos dos respectivos jornais, através do sistema de busca de cada site com inserção da palavra-chave VIOLÊNCIA. Os aspectos concernentes a gênero textual, autor, leitor ou conteúdo (natureza do crime), por exemplo, também não foram elegidos como componentes de triagem, embora acreditássemos que a triangulação desses aspectos poderia suscitar achados relevantes quanto à temática aqui proposta. A desconsideração desses aspectos para a investigação aqui reportada foi realizada porque nos interessava identificar os conceitos

---

<sup>2</sup> Disponíveis em: Vanguarda - <http://www.jornalvanguarda.com.br/v2/>; Extra - <http://www.jornalextra.com.br/portal/>; G 1 - <http://g1.globo.com/pe/caruaru-regiao/>.

metafóricos mais recorrentes e, dessa maneira, mais culturalmente salientes e a adoção de parâmetros secundários de coleta traria feições mais particulares às interpretações evocadas.

Após a seleção dos textos, se procedeu à nova etapa de leitura, seguida de marcação (destaque) dos fragmentos que evidenciavam atualizações de algum conceito metafórico sobre a violência. Após destaque desses fragmentos, seguiu-se à identificação dos domínios conceituais existentes nos fragmentos e, por conseguinte, a identificação e a reconstrução do conceito metafórico relativo a cada instanciação discursiva.

#### 4. METÁFORAS DA VIOLÊNCIA EM JORNAIS CARUARUENSES

Nos 60 textos analisados, encontramos diversas metáforas, que nos permitiram a reconstrução de distintos percursos cognitivos para a conceptualização da violência no cotidiano dos sujeitos. Dentre os diversos conceitos metafóricos encontrados, destacamos: *segurança é limpeza / violência é sujeira; violência é história de terror; criminoso é animal; violência é força destrutiva; violência é competição; violência é guerra; violência é desequilíbrio/ paz é controle*. Dada a diversidade de metáforas encontradas, e seus complexos sistemas de conceptualização, e as limitações de espaço, este trabalho limitar-se-á a desenvolver reflexões em torno dos conceitos: *violência é força destrutiva; violência é história de terror* e *segurança é limpeza / violência é sujeira*, que apresentaram as maiores frequências no *corpus*, de respectivamente 22% (ocorrências em 13 textos), 17% (ocorrências em 10 textos) e 9% (ocorrências em 6 textos).

Os textos vistos narravam e descreviam crimes consumados contra a dignidade da pessoa humana, contra a vida e contra o patrimônio privado. Dentre esses crimes, o assassinato, o sequestro, a invasão, a depredação de patrimônio, o estupro, o abandono de vulnerável e o roubo foram frequentemente noticiados pelos jornais-fonte no período de coleta. De forma geral, cada texto inicia-se com uma descrição ampla do motivo da notícia e, em seguida, narra e descreve todos os elementos relativos ao crime ocorrido. Também estão presentes nos textos diversos relatos de vítimas, testemunhas, parentes, amigos, policiais e também criminosos.

##### 4.1. No hipocentro do *tsunami*: *violência é força destrutiva*

De acordo com Lakoff e Johnson (1999), o nosso sistema conceptual se estrutura por meio de algumas metáforas primárias, que nos auxiliam nas tarefas de conceptualização do mundo. São, muitas vezes, imagens esquemáticas de movimentos, de trajetões, de superfícies etc. Entre esses modelos, destacamos, neste trabalho: *dificuldades são pesos; mudança é movimento; ações são*

*movimentos voluntários e causas são forças físicas*. Os exemplos a seguir (grifos nossos) evidenciam movimentos de mudança, de crescimento, de espalhamento do fenômeno da violência no cotidiano das pessoas:

“A *onda* de arrombamentos e prejuízos provocados em massa às unidades [...]” (Vanguarda – 12/11/2016)

“A SDS montou uma estrutura que busca dar uma rápida resposta a essa *onda* de explosões que vem ocorrendo” (Vanguarda – 12/11/2016)

“Somada à *onda* crescente de roubos de veículos registrados” (Vanguarda – 29/10/2016)

“*Onda* de veículos roubados segue aterrorizando a população” (Vanguarda – 29/10/2016)

“[...] também vítima desta *onda* de violência” (Vanguarda – 24/09/2016)

Conforme se percebe pelos exemplos oferecidos, os falantes agenciam domínios experienciais primários para se referir à violência em termos de uma força destrutiva, em termos de um agente avassalador capaz de submergi-los. A violência então é personificada em termos de um fenômeno físico, cuja força e grandiosidade não se medem facilmente. Mas essa é apenas a ponta do iceberg. Se, como defendemos aqui, podemos reconstruir, com os exemplos oferecidos, o conceito metafórico *violência é força destrutiva*, é porque essa metáfora complexa, na verdade, é um processo de conceptualização que está baseado em metáforas, mais esquemáticas e simples: metáforas primárias. Ao falar da violência em termos de uma *onda*, o falante evoca um esquema imagético básico de uma força física destrutiva para compreender a violência e suas causas. Assim, *violência é força destrutiva* é sustentada por esquemas de imagens básicos, e mais do que isso pela nossa compreensão experiencial, de causas como forças físicas e de mudança como movimento, por exemplo. Esse caso nos mostra, conforme já enunciaram Lakoff e Johnson (1999), que muitas instanciações metafóricas são processos de conceptualização que podem envolver uma ou mais de uma metáfora primária.

#### **4.2. Sob a égide do medo: *violência é história de terror e criminoso é animal***

Dos 60 textos analisados, 10 atualizaram o conceito *violência é história de terror*. Os diversos campos do conhecimento social apontam a violência como uma das marcas da sociedade contemporânea (BAUMAN, 2001) e, nesse sentido, a presença dessa metáfora no *corpus* fez com

que uma das hipóteses secundárias desta pesquisa fosse confirmada: *a percepção que os sujeitos têm acerca da violência é de que ela é a personificação de um monstro, horrendo e hediondo.*

As formas pelas quais os sujeitos se referem ao fato-violência enunciam que a violência é uma história de terror, de muitas formas, narrada por mecanismos muitas vezes inconscientes aos próprios envolvidos. Essas compreensões evidenciam a sensação de repúdio e de terror que a sociedade tem em relação à violência, notadamente aos crimes contra a vida e contra a dignidade da pessoa humana.

Em situações que pareceram gerar maior abalo emocional para as pessoas envolvidas nas cenas de violência, essa metáfora pareceu ser utilizada de forma experiencialmente mais próxima dos enunciadores, com a evocação de domínios-fonte de narrativas filmicas e ficcionais. É o que se evidencia nos fragmentos a seguir:

“Sem ficar para trás em nada em relação às cenas de um *“belo filme de terror”*” (Vanguarda – 10/12/2016)

“Os endereços até podem ser diferentes, mas *as histórias de terror* parecem as mesmas” (Vanguarda – 24/09/2016)

É importante frisar que os crimes contra o patrimônio privado, por exemplo, não estão longe da percepção de repugnância por parte da sociedade, mas eles nem sempre são conceptualizados metaforicamente de forma hedionda, o que não exclui sua compreensão como possibilidade de reconstrução do conceito *violência é história de terror*, visto que os falantes também agenciam elementos do medo nas suas conceptualizações. Nos textos analisados, foram encontradas as seguintes referências metafóricas, sobre grupos que vinham roubando pertences de moradores locais:

“O delegado Francisco Souto Maior trabalhou muito bem ao identificar rapidamente este grupo que vinha *tocando o terror*” (Vanguarda – 10/12/2016, destaque nosso).

“A prática de roubos tem sido constante por aqui e não estou vendo muita disposição por parte não só da PM, mas também das demais instituições envolvidas com nosso sistema de segurança para resolver esse problema que vem *aterrorizando* bastante a todos nós moradores” (Vanguarda – 10/12/2016, destaque nosso).

A metáfora da violência como uma história de terror evidencia não só aspectos relativos à condição de equilíbrio (ou desequilíbrio) psicológico daquele que referencia esses domínios, mas explicita as percepções dos efeitos materiais da violência. É um fenômeno que tangencia a (inter)subjetividade e a experiência com elementos materiais que estão presentes em nosso

cotidiano. Nesse sentido, as histórias de terror servem para o processo de referenciação de diversas situações do dia a dia.

Outra estratégia cognitiva para se referir à violência foi percebida com o uso constante da metáfora *criminoso é animal*. Essa metáfora, apesar de agenciar domínios diferentes, também parece se relacionar com a metáfora *violência é história de terror*, uma vez que também evoca um frame de relações antagônicas – o criminoso vs. o cidadão. Esse conceito é atualizado, por exemplo, em contextos que evocam a dinâmica de um *bando* que persegue a sociedade ou pratica atos hediondos contra ela, tal como se evidencia nos fragmentos a seguir:

“Desde abril deste ano que vínhamos investigando esse *bando* que seria responsável por vários homicídios na cidade” (Vanguarda – 24/12/2016)

“O *bando*, segundo o delegado Márcio Cruz, tinha como líder o detento (...)” (Vanguarda - 24/12/2016)

“(...) tiramos de circulação vários *bandos*” (Vanguarda - 24/09/2016)

A representação cognitiva do criminoso como animal está muito presente na fala dos sujeitos que são vítimas de crimes contra a vida e contra a dignidade. Ocorre uma categorização metafórica dos sujeitos criminosos, que parecem ter sua humanidade afastada, dando espaço para a manifestação de sua identidade animalesca, primitiva e antissocial. Afinal, é perceptível nos textos analisados que apenas “um animal” poderia agir de tal forma.

Nos mais diversos eventos comunicativos da vida cotidiana, sobre situações que envolvam violência, é possível encontrar diversas instanciações metafóricas da violência como história de terror. Expressões como “nunca vi algo assim”, “não dá nem para descrever”, “terrível demais”, “humanamente impossível”, “cenário absurdo”, “algo inexplicável”, “ser humano nenhum merece isso”, “não gosto nem de lembrar o que vi” são exemplos comuns encontrados nesses textos e que também apontam para a reconstrução dos modelos *violência é história de terror* e *criminoso é animal*. Essas expressões fazem referência ao sentido do hediondo, do humanamente inaceitável, do que aterroriza, do que causa medo, do que causa repulsa: elementos que podem ser agenciados de narrativas de terror.

*Violência é história de terror* e *criminoso é animal* são, portanto, dois conceitos concorrentes para a descrição do mesmo sentimento de vulnerabilidade e espanto. No entanto, não temos elementos suficientes para discutir a prevalência de um ou outro, tendo em vista o enfoque aqui almejado e a limitação dos casos vistos.

### 4.3. É hora de um pente fino: *segurança é limpeza / violência é sujeira*

Um dos conceitos metafóricos sobre a violência que julgamos mais convencionais em nossa cultura implica o agenciamento do domínio limpeza/sujeira para a compreensão da segurança/violência. Nesse sentido, a ação da polícia, para coibir a violência, pode ser compreendida como a manifestação concreta da metáfora *segurança é limpeza*, ou, nos termos de Schmitt (2005, 2016, 2017), como ações motivadas por metáforas. Vejamos o fragmento a seguir:

“[...] agentes penitenciários fizeram um “pente fino”, na última terça-feira” (Vanguarda – 06/08/2016)

O agente penitenciário, no exemplo em evidência, parece representar o domínio limpeza. A atitude desse agente se manifesta contra o que parece ser algo sujo. O objeto *pente fino* é utilizado (de forma metonímica, em relação com o domínio de limpeza) como instrumento concreto de limpeza de resíduos do cabelo, ou seja, com a finalidade de extirpar impurezas. Essa imagem é evocada pela metáfora de forma que o agente penitenciário é compreendido como aquele que deixa o ambiente prisional seguro, isto é, limpo.

No Brasil, salvas raras exceções, opõe-se à limpeza a prisão: repleta de detentos organizados em facções, com armas fabricadas manual e ilegalmente e o livre-comércio de drogas, provas da corrupção e da desigualdade social, que, nesse *frame*, encarnam a ideia de sujeira. Nesse sentido, o *pente fino* vem para limpar o ambiente e a própria sociedade. Assim, a atitude daquele que representa a Lei parece se desenrolar com a finalidade de limpar o que é sujo ou repugnante.

Ainda nesse *frame*, surgem outras expressões metafóricas (grifos nossos), tais como:

“Os criminosos aproveitaram para *fazer a limpa* por aqui” (Vanguarda – 27/08/2016)

“Eles ainda tiveram tempo de *fazer a limpa*” (Vanguarda – 24/09/2016)

“[...] a outra *fez a limpa* em estabelecimentos vizinhos” (Vanguarda – 24/09/2016)

O conceito de limpeza também é evocado nesses casos. No entanto, percebe-se uma inversão completa do papel dos sujeitos inseridos nos episódios de violência. No exemplo anterior, o do agente penitenciário, o alvo da conceptualização era a segurança, compreendida em

termos de atividades de higienização e separação. Por outro lado, nos três exemplos elencados acima, o alvo metafórico parece ser a violência, e não a segurança. Contraditoriamente, aqui a violência também é conceptualizada em termos de limpeza. É surpreendente verificar que não só o conceito metafórico (ou o seu uso) é subvertido, mas a própria condição de limpeza e pureza é estendida para violência. Assim, também é possível, na nossa cultura, referir-se à violência por meio do mesmo domínio que agenciamos para falar de segurança: a limpeza. Então, seria também a violência uma manifestação de limpeza?

As implicações sociais e, por conseguinte, morais desse questionamento ultrapassam os limites de uma compreensão despretensiosa e enunciam o grande potencial metafórico que a linguagem pode apresentar. A partir desses exemplos, verificamos a existência de conceitos metafóricos contraditórios e podemos questionar se essas contradições não podem revelar, noutros níveis analíticos, uma fusão de valores, sentidos e conceitos. O criminoso que age em desconformidade com nossos pretensos sistemas de valores e o ente do Estado que o combate são ambos conceptualizados em termos de limpeza na nossa cultura. Conforme postula Schmitt (2017, p. 16) “um fenômeno particular pode ser representado através de muitas, e às vezes contraditórias, metáforas”, então, o fato de o mesmo domínio LIMPEZA ser agenciado para a compreensão tanto de policiais como de criminosos para se falar sobre a violência evidencia uma característica já conhecida sobre o sistema conceptual metafórico: a existência de conceitos concorrentes e, até mesmo, contraditórios para a compreensão de um mesmo fenômeno.

As formas como a violência é conceptualizada em termos de limpeza ou sujeira também revelam a perspectiva em que o falante se coloca diante do mundo e da sua sociedade. Sempre que se faz uso dessa metáfora, posicionando a polícia e o bandido como os que limpam, ainda que os sentidos de limpeza sejam diferentes, essencialmente o que se diz sobre eles é o mesmo: ambos, ao limparem, eliminam alguma coisa, inclusive vidas.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando Lakoff e Johnson (1980) voltaram-se para o papel das metáforas na vida cotidiana, tratava-se de um movimento inovador no campo da Linguística, o que originou, mais tarde, o estabelecimento da Semântica Cognitiva, que até hoje é considerada o coração da Linguística Cognitiva. Era inovador porque rompia com concepções postas de que a metáfora era apenas um recurso alegórico da linguagem, que estava confinada aos textos literários e seria parcamente utilizada nos discursos cotidianos. *Metaphors we live by* (1980) é um importante marco no estudo das metáforas e constrói categorias e princípios epistemológicos fundamentais para

reflexões sobre como os sujeitos se referem aos diversos eventos que marcam suas existências. Referir-se a um domínio semântico em termos de outro é mobilizar estratégias cognitivas para a compreensão do que queremos em termos de outras experiências, geralmente mais concretas. Falar de violência em termos de história de terror requer a mobilização de diversos elementos conceituais pertencentes às histórias de terror. As experiências dos sujeitos falantes intermedeiam esse processo metafórico, pois sem o conhecimento do que é uma narrativa de terror, e dos seus elementos, o agenciamento desse domínio seria impossível, ou, dito de outra forma, sem a experiência com o medo e sem as correlações físicas que isso causa ao organismo, através de ligações cognitivo-discursivas, esse domínio não serviria para a compreensão da violência. Da mesma forma ocorre com os domínios *força* e *limpeza*.

O estudo de metáforas, ou a descrição de como conceptualizamos o mundo, permite a reconstrução de experiências vividas pelos próprios sujeitos interlocutores. Esse processo de reconstrução implica considerações tanto (inter)subjetivas como culturais e revela padrões de pensamento capazes de lançar luz sobre muitas ações cotidianas. No entanto, não basta apenas fazer a leitura de um enunciado para que se percebam os elementos metaforizados. É necessário compreendê-los dentro de um contexto de uso, atravessado por aspectos culturais e em que se manifestam os valores e as percepções que determinado sujeito, ou grupo social, tem acerca do mundo no qual está inserido. Diferentemente disso, analisar palavras ou enunciados isolados é conferir à metáfora uma condição de significação limitada e pouco proveitosa, é o mesmo que representá-la como mero recurso retórico.

Na perspectiva aqui empreendida, a análise de metáfora deve ser tomada como um recurso de reconstrução de modelos de pensamento, de linguagem e de ação. No âmbito da violência, percebeu-se, a partir dos registros analisados, que os sujeitos conceptualizam-na a partir de domínios de experiências negativas: *filme de terror*, *força física destrutiva*, e *sujeira*. Com isso, os sujeitos mobilizaram estratégias, cognitivas e discursivas, diversas para compreender a violência e os seus efeitos nas suas vidas. Esses efeitos, na e além da linguagem, embora parcialmente evidentes, ainda são pouco estudados pela linguística brasileira, o que justifica a incursão por pesquisas mais abrangentes sobre o tema. Os resultados que aqui foram transmitidos, longe de presarem pela generalização, refletem apenas o caminho teórico-metodológico escolhido e as restrições interpretativas dos pesquisadores. Portanto, devem ser tomados como indicadores relevantes, mas circunscritos e limitados, dos usos metafóricos sobre a violência e dos possíveis padrões de pensamento envolvidos nesses processos de discursivização do mundo.

## REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- CAMERON, L. Comparing responses to violence and uncertainty in Brazil and the UK: background to a collaborative project, 2010. Disponível em: <http://www.open.ac.uk/researchprojects/livingwithuncertainty/sites/www.open.ac.uk/researchprojects.livingwithuncertainty/files/pics/d133817.pdf>. Acesso em: 19 dez. 2016.
- FELTES, H. P. M.; PELOSI, A. C.; CAMERON, L.; FERREIRA, L. C. Metaphors, metonymies and empathy in focal groups talk about violence in Brazil: a dynamic discourse approach. *Revista Investigações*, Recife, v. 28, Julho 2015. ISSN 2175-294X.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Philosophy in the flesh: The embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books, 1999.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. With a New Afterword. Chicago: The University of Chicago Press, 2003.
- KÖVECSES, Z. *Metaphor: A Practical Introduction*. New York and London: Oxford, 2002.
- SCHMITT, R. Análise sistemática de metáforas. Um método de pesquisa qualitativa. Tradução: Adriano Dias de Andrade. Recife: Editora UFPE, 2017.
- SCHMITT, R. Metáforas no Serviço Social: um tipo específico de conhecimento profissional? Tradução: Adriano Dias de Andrade, do texto original “Metaphors in Social Work: A specific kind of professional knowledge?”. *Revista Investigações*, Vol. 29, nº 2, Julho/ 2016, p. 282-313. Disponível em: <http://www.repositorios.ufpe.br/revistas/INV/article/view/5785>. Acesso em: 27 mar. 2017.
- SCHMITT, R. Systematic Metaphor Analysis as a Method of Qualitative Research. *The Qualitative Report* 10(2), 2005, p. 358-394. Disponível em: <http://nsuworks.nova.edu/tqr/vol10/iss2/10/>. Acesso em: 27 mar. 2017.
- VEREZA, Solange C. “Metáfora é que nem...”: cognição e discurso na metáfora situada. *Signo* [ISSN 1982-2014]. Santa Cruz do Sul, v. 38, n. 65, p. 2-21, jul. dez. 2013. Disponível em: <http://online.unisc.br/seer/index.php/signo>. Acesso em: 07 abr. 2017.
- VEREZA, Solange C. O lócus da metáfora: linguagem, pensamento e discurso. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Letras e cognição*, n. 41, p. 199-212, 2010. Disponível em: <http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/41/artigo10.pdf>. Acesso em: 07 abr. 2017.

### ADRIANO DIAS

Doutor em Letras (Linguística) pela Univ. Federal de Pernambuco (UFPE); Revisor de textos da Editora UFPE, Professor e Orientador no Programa Institucional de Iniciação Científica do Centro Universitário do Vale do Ipojuca (UNIFAVIP, DeVry Brasil); E-mail: [adriano@edufpe.com.br](mailto:adriano@edufpe.com.br)/ [aandrade5@unifavip.edu.br](mailto:aandrade5@unifavip.edu.br).

### RODOLFO JARBAS LEAL SANTIAGO JUNIOR

Graduado em Letras pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru (FAFICA); Graduando em Direito e Bolsista do Programa Institucional de Iniciação Científica do Centro Universitário do Vale do Ipojuca (UNIFAVIP, DeVry Brasil); E-mail: [rodolfosantiago@gmail.com](mailto:rodolfosantiago@gmail.com).

Enviado em 25/03/2017.

Aceito em 10/05/2017.